

## INTRODUÇÃO

O gênero épico, a partir de Virgílio, é estreitamente afinado com o fazer político, sendo utilizado como ferramenta para incentivar o ufanismo nacionalista ao evocar a história de fundação ou consolidação da pátria. Tanto a trama d'*A Eneida* como a d'*Os Lusíadas* se passa num tempo muito anterior ao da sua escrita; a função das profecias dentro do poema é ancorá-lo na atualidade da publicação; portanto, a forma como tratam os acontecimentos “por vir”, dando a eles um caráter positivo ou negativo, grifa a visão do autor em relação à política vigente. Nesse trabalho analisamos dois episódios de cada épico para demonstrar como as profecias na obra desempenham esse papel crítico político e até que ponto os bardos foram de fato oráculos.

## A ENEIDA – VIRGÍLIO - ROMA

A narrativa de Virgílio inicia-se a partir de onde *A Ilíada* e *A Odisseia* terminam, ou seja, após a queda de Troia. Eneias é o herói destinado a fundar a Nova Troia em território italiano. Virgílio concluiu sua obra em 19 a.C., as profecias dentro do poema dialogam com os acontecimentos históricos de Roma da sua fundação mítica por obra de Rômulo e Remo até o princípio do governo do primeiro imperador (que havia encomendado o texto).

O poema inteiro é crivado de “profecias” do passado; contudo dois momentos fazem-se marcantes:

- O diálogo de Eneias com seu falecido pai, Anquises, no inferno, onde esse lhe apresenta os descendentes que estão por encarnar e vaticina a PAX ROMANA.
- A descrição do Escudo de Eneias, onde está grafada a história de Roma com ênfase na Batalha do Áccio (31 a.C.) onde Otaviano derrotou Antonio.

## OS LUSÍADAS – CAMÕES - PORTUGAL

O épico de Camões vale-se da estrutura d'*A Eneida* e, por meios argumentativos, propõe-se como continuação do texto Virgiliano. Vasco da Gama é o herói destinado a desbravar os mares e chegar às Índias Orientais. Composto pelo bardo português em 1572 (pouco mais de 70 anos após a viagem histórica), há duas narrativas paralelas, a propriamente histórica (objetiva), e a fantástica (onde entram as visões tanto do futuro interno da narrativa como a do anúncio do apogeu e declínio do império lusitano).

Destacamos duas passagens:

- A maldição do Velho do Restelo, onde se afiguram tons melancólicos e pessimistas que prenunciam o ocaso do Império Português.
- A descrição da Máquina do Mundo, episódio que evoca o Escudo de Eneias, que, por sua vez, evoca o Escudo de Aquíles.

## CONCLUSÃO

São dois os tipos de vaticínios dentro dessas obras, o que evoca os acontecimentos futuros da obra e o que realmente profetiza o futuro para além da realidade da obra: o primeiro tipo refere-se à história; o segundo a uma suposição, um medo ou um anseio do poeta em relação à política nacional.

Virgílio, através da sombra de Anquises profetiza a *pax romana*, período de paz que vigorou do início do império de Augusto em 28 a.C. e se estendeu até a morte do imperador Marco Aurélio em 180 d.C. Como Virgílio e seu poema se inserem no momento histórico em que iniciou a *pax romana*, nada além de confiança e fé inspirariam as doces palavras de Anquises: *tu, romano, lembra-te de governar os povos sob teu império. Estas serão tuas artes, impor condições de paz, poupar os vencidos e dominar os soberbos* (VIRGÍLIO, VI, vv. 851-852).

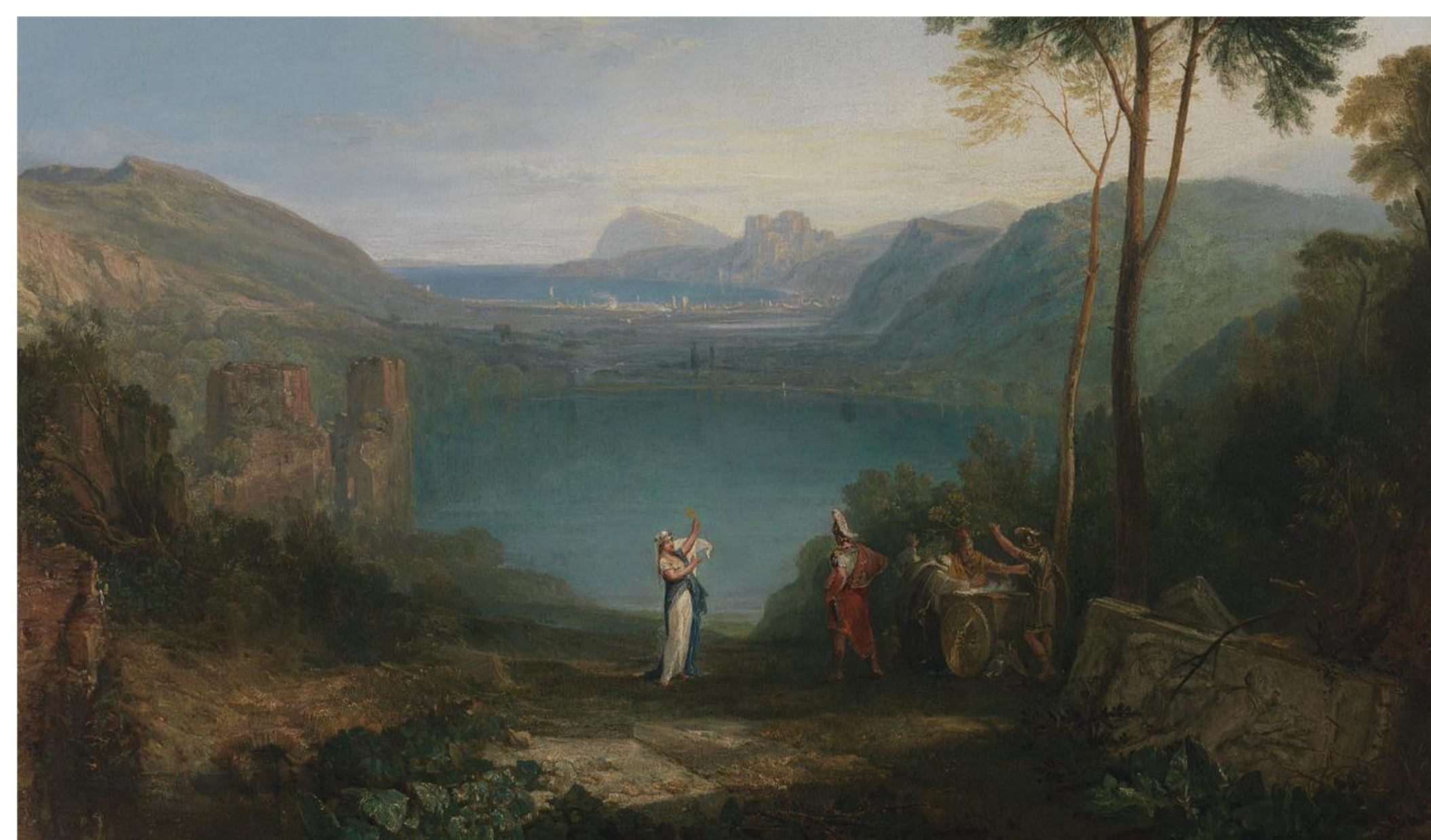
O ancião do poema camoniano questiona o preço que a cobiça e o desejo de aventura terão para o reino, até onde é salutar se jogar ao mar e buscar novas terras. No fim da sua argumentação, na última estrofe do poema, ele evoca os mitos de Faetonte e Ícaro, dois personagens que ousaram ultrapassar os limites do humano e pagaram com a vida, ainda que tenham obtido imortal fama. Seria a profecia da decadência de Portugal que se afigurou poucos anos após o poema? Encerro com o início do sombrio discurso do Velho do Restelo: *Ó glória de mandar, ó vã cobiça / Desta vaidade a quem chamamos Fama! [...] Fazes no peito vão que muito te ama! / Que mortes, que perigos, que tormentas, / Que crueldades neles experimentas!* (CAMÕES, IV, est. 95).

## OBJETIVOS

A partir da leitura e do estudo de *A Eneida* e *Os Lusíadas* e de textos críticos sobre os poemas, autores e história de cada nação, responder às perguntas:

- Qual a função das profecias dentro do épico?
- Como as profecias dentro do texto agem como ferramenta política?
- Há diferenças funcionais e/ou estruturais entre as profecias em cada obra, especificidades e pontos em comum?
- Qual a relação entre história, política e texto épico?
- Como o épico se constitui como ferramenta frente ao nacionalismo?

## LAGO AVERNO: ENÉIAS E A SIBILA DE CUMAS



## VELHO DO RESTELO



## REFERÊNCIAS

- ALFÖLDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- BIELER, Ludwig. *Historia de la literatura romana*. Madrid: Editorial Gredos, 1968.
- BIGNONE, Ettore. *Historia de la literatura latina*. Buenos Aires: Losana, 1952.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões: 2000.
- CARVALHO, Castelar de. Camões e as fórmulas lapidárias em *Os Lusíadas*. In: *Idioma*. N. 24, p. 39-46. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2013.
- FAGUNDES, Eduardo de Souza. *Os Lusíadas e a apropriação da mitologia clássica*. Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS. Porto Alegre: 2014.
- FARIAS, Sheyla Regina dos Santos. O episódio do Velho de Restelo: vaticínio e eco literário. In: *Travessias*. Vol. 1, N. 1. Cascavel: Unioeste, 2007. Acessado em 18 de Junho de 2015 em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2749/2146>>
- FURLAN, Oswaldo A. *Das letras latinas às luso-brasileiras*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.
- LAMAS, Maria Paula. *Recursos narrativos n'Os Lusíadas*. III Simpósio Internacional de Narratologia. Buenos Aires: 2004. Acessado em 22 de Junho de 2015 em: <<http://www.filologia.org.br/revista/34/13.htm>>
- PINHEIRO, Columbano Bordalo. *Velho do Restelo*. Óleo sobre tela. Museu militar de Lisboa, 1904.
- LOURENÇO, Eduardo. Camões e o tempo ou a razão oscilante. In: *Poesia e metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- \_\_\_\_\_. Camões ou nossa alma. In: *Poesia e metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
- \_\_\_\_\_. Identidade e memória. In: *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.
- TURNER, Joseph M. W. *Lake Avernus: Aeneas and the Cumaean Sybil*. Óleo sobre tela. YaleCenter of British Art, 1814-1815.
- VEYNE, Paul. *A Eneida*. Trad. Tarssilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 2007.
- VEYNE, Paul. O Império Romano. In: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.